

UMA MODALIDADE DE PERGUNTA MISSIONÁRIA

MARIA CÂNDIDA DRUMOND MENDES BARROS
Museu Emílio Goeldi/Pará

ABSTRACT

“Comprehension check” is a dialogue which occurs simultaneously to biblical translation for indigenous languages at Summer Institute of Linguistics. During this stage, the missionary verifies, by way of question and answer, the native’s comprehension of the translated biblical text. This kind of questioning acts as a form of biblical teaching during the process of missionary translation. The analysis of this missionary interviewing technique is conducted by the precepts of Pragmatics and the Ethnography of Communication.

“One of the most productive tools for the translator and the translation consultant in SIL over the years has been a well developed questioning technique.” (Hohulin 1982:28).

“If my house caught fire, I would first of all see to the safety of my family, then the translation, then my list of questions including the language file.” (Um diretor do SIL na área do Pacífico, citado por Beekman 1980:6)

Um diálogo de perguntas e respostas é recorrente ao longo do período da tradução bíblica realizada pela missão Summer Institute of Linguistics. Esse diálogo ocorre durante o “comprehension check”, fase na qual o missionário verifica, com o auxílio de um falante nativo, a compreensão do texto bíblico traduzido. Nessa etapa, após a leitura de um trecho da tradução, o missionário dirige perguntas sobre o texto ou pede que este seja recontado pelo falante nativo. Essa forma de diálogo, que alcança metade do tempo da tradução (Rountree 1984:3), deve ocorrer em todas as línguas para as quais os missionários do SIL traduzem o Novo Testamento, caso contrário, suas traduções concluídas não recebem aprovação para serem publicadas.

Essa modalidade de pergunta será analisada como uma forma de curso bíblico, própria do estilo evangélico de conversão por meio da tradução do Novo Testamento. O acercamento ao “comprehension check” será através de artigos sobre esse tema contidos na publicação interna do SIL **Notes on Translation**. A análise da pergunta missionária será realizada através da Pragmática e da Etnografia da Fala. O “comprehension check” vai ser tratado como um evento de fala, unidade de análise da Etnografia da Fala para referir-se às situações de diálogos ritualizados. Da Pragmática, utilizaremos a noção de ato de fala e a metodologia de procurar as situações de crise comunicativa como forma de reconstituir analiticamente as condições necessárias para realização com sucesso de um ato de fala.

Serão utilizadas, ainda, as considerações antropológicas sobre a troca de presente como analogia para interpretar a pergunta no contexto da tradução missionária. Tal analogia, proposta por Esther Goody (1979), aponta para a semelhança entre os dois atos em relação, por exemplo, à obrigatoriedade da retribuição/resposta. A vantagem dessa analogia é reforçar o tratamento de atos de fala como instituição, ao supor a existência de um contrato/convenção no interior de uma comunidade para que o ato exista, em oposição ao seu estudo como um ato individual.

“COMPREHENSION CHECK” COMO MÉTODO PARA VERIFICAR O SENTIDO:

“(...) comprehension checking of translation refers to testing a translation to determine if the hearers or readers grasp its meaning. This is not merely a formality tacked on the end of the translation process. If it is done correctly, comprehension checking accounts for at least fifty percent of the time spent in the translation process prior to the final consultant check.” (Rountree 1984:3)

O “comprehension check” é uma especificidade da tradução missionária. Refere-se à fase em que o tradutor, imbuído do compromisso de manter-se fiel ao texto original, verifica o sentido de uma tradução numa língua que lhe é estrangeira. O significado do texto traduzido é uma incógnita para ele, restando-lhe conhecer seu sentido de forma indireta, pelo teste do “comprehension check”, com auxílio de um falante nativo. A suposição semântica do “comprehension check” é de que aquilo que foi compreendido (internamente, mentalmente, instantaneamente) pelo falante nativo será expresso pela sua resposta.

Esse diálogo deve ser, sempre que possível, na língua do falante nativo, para que se elimine a possibilidade de que a resposta equivocada seja em virtude dele não dominar a língua franca. No caso de ocorrer um erro na resposta nesta situação,

torna-se difícil determinar se isto se deve ao pouco domínio na língua franca ou se seu erro reproduz um equívoco presente no texto (Beekman 1964:13).

Além do missionário e do falante nativo, esse diálogo pode ter ainda a presença do consultor, um membro do SIL designado pela missão para verificar os resultados do “comprehension check”. Esse momento corresponde à consultoria, situação pela qual toda tradução deve passar para poder receber autorização para ser publicada.

O “comprehension check” pode ocorrer por diferentes atos de fala, como, por exemplo, pedindo ao falante nativo que conte o que leu ou ouviu (“reported meaning”/Hohulin 1982:28; “tell-it-again”/Hook 1980:10), que responda perguntas (“questioning technique”/Hohulin 1982:28; “teaching questions”/Headland 1981:2) ou traduza trecho por trecho para a língua franca utilizada entre ele e o missionário. Esses diferentes atos de fala são considerados pela missão como apropriados para conhecer a “compreensão interna” que o falante nativo teve do texto traduzido.

No caso da verificação do sentido ser realizada por meio de perguntas, compreender a tradução significa responder corretamente às perguntas formuladas pelo missionário. Quando o texto bíblico for uma narrativa, o informante deve poder responder sobre quais são os eventos principais em foco. No caso do texto ser uma parábola, por exemplo, o informante deve poder reproduzir o que está sendo ensinado por meio dela (Schauer 1980:19). Uma resposta equivocada é sinal de que o texto traduzido está incorreto, o que requer sua modificação. O “comprehension check”, enquanto método de verificação do sentido, representa avaliar semelhanças ou diferenças entre vários textos através do teste de condição de verdade. O objetivo do jogo do “comprehension check” é estabelecer correlação semântica entre os seguintes textos: 1. o texto bíblico original, 2. o texto traduzido do Novo Testamento na língua indígena, 3. uma diretiva (uma pergunta, um pedido de sumário, etc) solicitada pelo tradutor-missionário ao falante nativo a respeito do texto traduzido; 4. a resposta dada à diretiva do missionário.

Entre todos eles, o texto bíblico original não se apresenta como um único texto; compõe-se de uma multiplicidade de versões, em várias línguas (o missionário pode fazer uso de versões em inglês, na língua nacional do país onde trabalha, em grego etc), e ainda de comentários de especialistas, que hierarquizam a legitimidade das versões.

O edifício semântico montado pelo “comprehension check” supõe que a identidade semântica entre 1 e 2 pode ser suposta, quando 4 é igual a 1 pelo teste da condição de verdade. Para o missionário, o sentido do texto traduzido (2) existe em função da correlação que ele estabeleça entre sua interpretação do texto original (1), a sua diretiva (3) e a resposta do informante (4).

Essa correlação semântica estabelecida entre os vários textos como expressão da compreensão não é uma prática estranha ao sentido comum. Verificar a compreensão através de perguntas ou pedidos para expor o que entendeu é, por exemplo, o que se faz na escola.

A tese subjacente ao “comprehension check” é que ele é capaz de revelar o sentido imanente do texto traduzido, ou seja, o sentido contido no texto independentemente do ato de perguntar ou de recontar.

Um enfoque pragmático do “comprehension check” tomaria uma outra direção: a “compreensão” não seria reduzida a um estado mental, mas a um acordo entre os interlocutores a respeito de regras públicas que funcionam como critérios para dizer se houve compreensão ou não. Ou seja, considerar que o falante nativo “compreendeu o texto” está ligado necessariamente a que este saiba o que se espera que ele deve fazer e reagir na situação do teste. Por exemplo, uma condição necessária para que o diálogo de “comprehesion check” tenha sucesso é de que o falante nativo esteja treinado em estabelecer a correlação entre o texto traduzido, a diretiva do missionário e sua resposta.

O missionário, por sua vez, deverá estar treinado a tomar as reações do informante como forma de acesso à “compreensão” deste. Pausa, fluência, um olhar perdido ou espantado, etc são sinais identificados pelo missionário para dizer se houve ou não compreensão. Quando não se cumprem as regras públicas de compreensão, como nas situações de crises comunicativas, a resposta perde seu valor de evidência da compreensão interna do falante. As situações de crise indicariam que os interlocutores não compartilham das regras comunicativas dessa situação de fala.

Desta maneira, do ponto de vista pragmático, o “comprehension check” se transforma em uma situação de uso ritualizado da linguagem, regulada pelo missionário para verificar se houve “compreensão”.

A perspectiva pragmática permite ver o “comprehension check” não apenas como relacionado à exigência da missão de controlar a fidelidade do texto bíblico, mas também como uma forma de ensino dos sentidos que a tradução deve ter. Não é, portanto, uma forma de verificar sentidos imanentes ao texto traduzido, mas a via missionária para ensinar a interpretação correta que o texto bíblico deve ter.

CRISES COMUNICATIVAS DO “COMPREHENSION CHECK”:

“For a couple of years, I have been bothered with the problem of how to ask questions such as “how?” and “when?” in my experience of checking translations in Waica languages in the state of Roraima, Brazil and with some in the State of Para. A translator may take as long as ten minutes in attempting to formulate a question and then in response to the question the informant either sits and looks puzzled, corrects the question, answers irrelevantly, or answers immediately but with a wrong answer. I became interested in knowing the reason for all of the difficulty.” (Crofts 1975:22).

Para Austin, um ato de fala, como todo ato ritual, pode falhar em relação à aplicação integral de suas regras. Desta maneira, as crises comunicativas são a via para

explicitar as regras de um ato de fala, pois, elas expõem, de forma negativa, os critérios que definem a realização com sucesso de um ato de fala.

Uma crise comunicativa no “comprehension check” se distingue da situação na qual a resposta do falante nativo é considerada incorreta em relação ao texto bíblico original. Nesse último caso, o “comprehension check” funcionou com sucesso como forma de conhecer a compreensão do falante nativo e como forma de indicar os erros da tradução, enquanto na situação de crise não é possível dizer nada a respeito do texto traduzido.

Os artigos do **Notes on Translation** apontam algumas experiências de crise comunicativa durante o “comprehension check”:

- não existência do hábito de perguntas didáticas na comunidade, ou seja, a pergunta não é usada para verificar o conhecimento que o ouvinte possui, mas apenas para obter informações ainda não conhecidas pelo locutor. Alguns missionários afirmam que apenas aqueles indivíduos que já passaram pela escola conhecem a pergunta didática (Hollenbach citado por Headland 1981:2).

- o informante repete na resposta as mesmas palavras do texto traduzido, não estabelecendo uma paráfrase (o mesmo sentido dito por meio de diferentes formas linguísticas) para o texto bíblico (Waltz 1981:17).

- o informante se recusa a responder as perguntas por não ter estado presente durante os acontecimentos citados no texto bíblicos (“Não sei, eu não estava lá”), e portanto, teme estar mentindo caso responda.

- O INFORMANTE RESPONDE EM RELAÇÃO A SUA PRÓPRIA VIDA:

“(...) in spite of the fact that the wording of the question focused on the situation at Corinth and what the Corinthian Christians were meant to understand or do, answers bypassed the situation at Corinth and were given in terms of what ‘we’ should do.” (Strange 1980:6)

- o informante conhece as regras do “comprehension check” e se dispõe a participar, mas o missionário se equivoca em relação a como formular a pergunta para chegar à resposta desejada (Rountree 1984:9) (Green & Green 1975:24)

- a resposta pode ser correta, mas não representa a resposta desejada (não relacionada com o que foi dito na passagem bíblica):

“For example, reference has been made to the question: ‘Why did Jesus heal the paralytic?’ The answer might be: ‘Because Jesus had compassion

for sick people'. While the answer is correct, it is not derived from the explicit purpose stated in the context (Beekman 1980:6)

Em suma, situações de crise no diálogo do “comprehension check” são todas aquelas que o missionário não consegue verificar o sentido do texto bíblico traduzido, seja porque o missionário não logra estabelecer o diálogo de pergunta e resposta; ou porque ele não sabe como fazer uma determinada pergunta para obter determinada resposta; ou ainda a resposta é considerada insatisfatória - por ser ambígua, indeterminada, etc - para os objetivos de “verificar a compreensão” do texto bíblico.

O missionário tradutor deve marcar os limites entre situações de crise e de sucesso no “comprehension check”. Há casos de difícil decisão para o missionário, como nos casos de respostas muito gerais que não permitem ao tradutor saber se uma passagem foi entendida ou não. Ele pode vir a aceitar uma resposta que não corresponda literalmente àquela desejada, no caso dele saber, pelo longo contato com seu informante, que este domina as regras desse diálogo e que este sempre formula uma resposta ilustrativa à pergunta proposta.

“Some answers may seem to be wrong at first, but turn out to be correct even though answered indirectly. The older women among the Saramaccans of Suriname frequently give little stories in response to one just read to them. At first the translators thought the women were not listening, but finally realized that they were giving an illustration of the principles in the passage they had just heard.” (Rountree 1984:9)

ALGUMAS CONDIÇÕES PRAGMÁTICAS DA PERGUNTA MISSIONÁRIA:

Entre os diferentes atos de fala que compõem um “comprehension check”, será dada prioridade ao emprego da pergunta. Uma das condições para que haja um diálogo de pergunta e resposta com sucesso é que os participantes estejam de acordo em relação ao que se espera de cada um na interação. É o que Grice chama de “princípio de cooperação”¹.

¹ “Fundamentalmente, eles [nossos diálogos] são, pelo menos até um certo ponto, esforços cooperativos, e cada participante reconhece neles, em alguma medida, um propósito comum ou um conjunto de propósitos, ou, no mínimo, uma direção mutuamente aceita. Este propósito ou direção pode ser fixado desde o início (por exemplo pela proposição inicial de uma questão para discussão) ou pode evoluir durante o diálogo; pode ser claramente definido ou ser bastante indefinido a ponto de deixar aos participantes considerável liberdade (como numa conversação casual). Mas a cada estágio, ALGUNS movimentos conversacionais possíveis seriam excluídos como inadequados. Podemos formular, então, um princípio muito geral que se esperaria (*ceteris paribus*) que os participantes observassem: Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado. Pode denominar este princípio de PRINCIPIO DE COOPERACAO” (Grice 1982:86).

No caso da pergunta missionária, a atenção estará voltada a determinadas características conversacionais próprias dessa forma de diálogo que a tornam uma forma de socialização de sentidos, tais como: a) obrigatoriedade de uma resposta; b) emprego de pergunta didática; c) pergunta e resposta como socialização dos critérios de relevância.

a) obrigatoriedade de uma resposta:

A pergunta é um tipo de interação verbal que tem como regra compelir seu interlocutor a uma enunciação verbal (Goody 1979). A pergunta ocorreria nos casos em que:

i) não é óbvio para o falante nem para o ouvinte, que este último daria a informação naquela hora, caso não fosse perguntado (condição preparatória).

ii) o locutor quer que o ouvinte lhe dê essa informação (condição de sinceridade).

iii) a enunciação vale como uma tentativa de obter essa informação do ouvinte (condição essencial) (Searle 1969:88).

Responder é concordar em entrar nas regras da pergunta. Nesse caso, o ato de perguntar só se estabelece se o receptor aceitar participar da interação com uma resposta. No caso do receptor intencionalmente não responder, ele ainda estará participando do princípio de cooperação, assim como proposto por Grice. O silêncio significará, por exemplo, animosidade por parte do receptor ao locutor.

Uma analogia em relação à pergunta-resposta com a troca de presentes atenta para a situação crítica gerada pelo débito entre os participantes. A pergunta, como o presente, exige uma retribuição, que no caso da linguagem significa a obrigatoriedade do receptor de entrar numa troca comunicativa. Retribuir ou não o presente, assim como responder ou manter-se em silêncio em relação a uma pergunta, dependem em última instância da vontade do receptor. Porém, a voluntariedade apenas significa que o receptor/retribuidor pode escolher atuar ou não, mas foge ao seu desígnio as consequências da sua decisão. O receptor não é livre para optar pelas consequências do seu ato. Não responder/não retribuir com presentes tem consequências sociais. Existem instrumentos sociais de repressão aos que se negam a participar. No caso do “kula”, estudado por Malinowski entre os Trobriandeses, a pessoa que não retribuísse o presente estaria sujeita a sofrer ações de feitiçaria. Como diz Mauss, a dádiva é ao mesmo tempo um ato livre e gratuito, assim como um ato de obrigação e de interesses. Sua não realização pode levar a uma guerra pública ou individual (Mauss 1979:45).

No “comprehension check”, o diálogo de pergunta e resposta tem caráter de obrigatoriedade tanto para o missionário como para seu ajudante de tradução. Ambos estão obrigados, de diferentes maneiras, àquela forma de diálogo. O missionário, por ordem da Instituição da qual é membro e por ideais religiosos de manter a fidelidade na tradução da Palavra de Deus, vê-se compelido a fazer

perguntas ao falante nativo; este, por sua vez, em virtude de receber pagamento para participar, deverá obrigatoriamente responder às perguntas. Ser ajudante de tradução representa estar de acordo em responder as perguntas do missionário. No caso dele não aceitar fazê-lo, não receberá o pagamento.

b) Pergunta didática, o controle sobre a condição de verdade da resposta:

A Pragmática distingue perguntas reais (ou “abertas”) e didáticas (ou de “exame” ou “fechada”), segundo o tipo de resposta que se procure obter (Searle 1969). A distinção não se refere à diferença na forma linguística da pergunta, pois um mesmo enunciado (“Quem chegou?”) pode ser utilizado tanto num caso como no outro. A distinção refere-se às condições de uso de cada uma.

Nas perguntas reais, o controle da pergunta sobre a resposta ocorre ao nível do conteúdo proposicional, ou seja, na parte do significado do ato de fala que apresenta uma organização do mundo, ou seja, aquela sobre a qual se aplica o critério de verdade e falsidade. Assim, pergunta-se sobre quem chegou, e se espera que a resposta tenha nexos com informações sobre alguém que chegou. Nas perguntas didáticas, o controle da pergunta sobre a resposta se dá em relação às condições de verdade da resposta. O locutor não apenas dirige o que ele quer que seja preenchido na proposição da resposta - como nas situações de pergunta real -, mas, além disso, ele sabe antecipadamente qual é a resposta correta que espera à sua pergunta. Quando o locutor pergunta “quem chegou?”, ele já sabia quem era essa pessoa, e avalia a correção da resposta do seu receptor por conhecer a informação antecipadamente. Na pergunta real, o locutor não possui a informação e a solicita ao receptor por meio da pergunta; na de exame, o locutor conhece a resposta que deseja para sua pergunta, mas quer saber se o ouvinte a conhece (Searle 1969:66); nesse caso, a resposta correta antecipa a pergunta.

A distinção de Searle entre pergunta real e de exame pode receber uma definição de caráter sociológico, que as diferenciaria pelo grau de autoridade que os interlocutores possuem para determinar a correção da resposta. O locutor da pergunta de exame tem autoridade para definir a verdade ou falsidade da resposta, enquanto na pergunta real, o receptor possui a autoridade, reconhecida pelo locutor, para definir as condições de verdade da resposta. A ocorrência de um tipo de pergunta ou de outro e a diferenciação das pessoas quanto à sua possibilidade de funcionar como locutor e receptor em cada uma delas, está determinada por um conjunto de fatores (tema, situação interacional e condições sociais).

A diferença entre pergunta aberta e fechada distingue a pergunta feita durante a entrevista (etnológica ou linguística) da pergunta no interior do “comprehension check”. Na entrevista linguística, o verdadeiro é determinado pela resposta de um falante nativo. Supõe-se que ele é quem sabe a informação solicitada. Como diziam os linguistas: o “informante tem sempre razão” (Samarin 1967).

A pergunta no “comprehension check” é do tipo fechado, ou seja, a pergunta não deposita no ouvinte o critério de verdade da resposta. O locutor, ao formulá-la, tem de antemão a resposta que procura:” The translator knows the information he is seeking and has formulated his question” (Rountree 1984:9). Essa modalidade de pergunta faz parte também da metodologia de ensino bíblico de Igrejas evangélicas fundamentalistas americanas (Zinsser 1986)

O caráter fechado da pergunta do “comprehension check” representa a opção por certos movimentos conversacionais, que estipulam o que é sucesso ou insucesso na interação. Uma das suas condições de sucesso é que a resposta e a pergunta não polemizem com o texto bíblico, afastando dessa forma a pergunta do “comprehension check” de qualquer semelhança com o padrão de pergunta próprio da Hermenêutica, onde esse ato de fala é visto como uma forma de interpretar um texto. As características da pergunta hermenêutica são:

- i) Ela é polêmica, ao questionar os sentidos de um texto e ao abrir para um conhecimento que não estava contido no texto de referência.
- ii) Ela surge do diálogo do analista com o texto e é contingente à situação histórica do analista.

Nenhuma das condições acima mencionadas encontra-se na pergunta missionária:

- i) Tanto a pergunta como a resposta do “comprehension check” não devem problematizar o sentido do texto bíblico. A pergunta sobre uma passagem bíblica apresentará um fato ou uma argumentação que o missionário deseja que seja repetido na resposta. Não se espera que o informante questione a veracidade ou não do conteúdo da pergunta.

Segundo um estudo sobre o ensino bíblico para crianças de Igrejas fundamentalistas americanas, o diálogo de pergunta e resposta é uma forma de não encorajá-las a pensar especulativamente sobre o texto bíblico (Zinsser 1986:63)

- ii) As perguntas missionárias não são contingentes à situação do diálogo. Antes do diálogo com o ajudante de tradução, o consultor e o missionário já sabem que perguntas devem fazer, e também suas respectivas respostas.

It is important to record the expected answer in English as the questions are formulated so that others will have something to guide them when the form of the question is not useful (Johnston 1980:3).

Existem listas preparadas com perguntas consideradas adequadas para todos os grupos com os quais os missionários trabalham. As perguntas pré-moldadas são

específicas para cada passagem bíblica como mostra uma série de artigos do “Notes on Translation”. No caso de não haver perguntas pre-moldadas para alguma passagem, podem ser utilizadas, como guia para o “comprehension check”, as perguntas contidas nos livros de curso bíblico em inglês (Barnwell 1984:40). A lista de perguntas, preparadas com anterioridade, indica que, para todas as comunidades, há um único padrão de critério de compreensão do texto bíblico.

O uso da pergunta fechada no diálogo missionário tem suas raízes na tradição ocidental, na qual a pergunta de exame é considerada como principal forma de avaliação do aprendizado. O “comprehension check” tem semelhanças com o diálogo de ensino-aprendizagem na escola, no qual a professora faz perguntas para ver se um texto ou uma matéria foram entendidos. Ambos têm um mesmo padrão de diálogo em que há uma distribuição desigual de conhecimento, reconhecida pelos interlocutores. O diálogo pressupõe dois grupos, um que possui o conhecimento e outro que não o detem. Os grupos devem reconhecer reciprocamente esses papéis.

A pergunta do missionário e a do professor possuem o mesmo pressuposto semântico. Ambos consideram a resposta do ouvinte como evidência da sua compreensão interna; a diferença entre elas se dá em relação ao que está sendo avaliado: na escola é o aluno; na missão, é o texto bíblico traduzido.

“In the American culture we have grown up with the use of questions by teachers as a testing device. Their purpose is to see if the students have learned the material presented on any given subject. Supposedly it is the students who are being tested, but I imagine that many times a teacher feels that she has done a poor job of communicating if her students fail the test. In this paper, I want to deal with questions used to test whether or not we as translators of the New Testament are adequately communicating the message of the Scriptures. Is the reader or listener able to learn the intended lesson from the material presented?” (Headland 1981:2).

No caso da pergunta na escola, o aluno é quem está sendo posto à prova. A nota obtida por meio das perguntas será inferida a sua pessoa. Na pergunta missionária, o que está sendo posto à prova é a tradução e não o informante. A compreensão de um informante vale como padrão de compreensão dos demais falantes.

A diferença entre pergunta aberta e fechada pode ser apontada pela comparação de dois artigos do casal Diana e Harold Green, do SIL-Brasil, sobre como fazer perguntas na língua Palikur, publicados em diferentes revistas (Green, H. 1979 e Green & Green 1975).

Na versão publicada no **Notes on Translation**, as perguntas são sugeridas como parte de um “comprehension check”. A pergunta com “quando” se refere a “quando os judeus descansam?”. O missionário possui de antemão a resposta correta que ele espera que o informante lhe dê a essa pergunta. Na versão da revista **Atualidades Indígenas** da FUNAI, o modelo de pergunta é aberta; o artigo pretende

ser útil para o chefe do posto indígena procurando informações sobre o grupo. O “quando” se refere a uma informação que não se sabe e que se deseja conhecer: “quando é que se pinta assim?”. A informação correta será aquela dada pelo falante nativo.

c) pergunta e resposta como socialização de critérios de relevância:

Para que um diálogo de pergunta e resposta tenha sucesso é preciso que a resposta do receptor seja relevante em relação ao que deseja saber o locutor (máxima de relação). Locutor e receptor devem compartilhar critérios de relevância a respeito de uma pergunta, para que haja relação de controle de significado entre a pergunta e a resposta.

No diálogo missionário, o critério de relevância entre pergunta e resposta varia de acordo com o tipo de texto bíblico que está sendo verificado. Para o missionário, o Novo Testamento está composto de dois tipos de textos, um com valor de narrativa histórica, outro de passagem didática.

“Assuming then, that the translator knows what the original means, he must communicate the same information that the original does. This information may be broadly classed as historical or didactic. (...) The Christian faith is firmly rooted in history. The death and resurrection of the Savior took place at a particular time, in a particular country; and it is not part of the translator’s task to change this historical framework or to substitute for it in any way”. (Beekman & Callow 1974:35).

Scripture is not merely a historical record of events of the past; one of its main purposes is to interpret historical facts relating them to the needs of man and applying them to the kind of conduct and life appropriate to these facts. Scripture is therefore replete with commands, illustrations, parables, and similitudes, all of which have a didactic function which in a faithful translation must be preserved.” (Beekman & Callow 1974:36)

Discursos didáticos ocorrem nos casos em que a linguagem do Novo Testamento guarda relação com o cotidiano do seu leitor e não se detém num uso objetivado (referencial, sem vínculo com o momento da enunciação) - como acontece com a passagem histórica.

Na eventualidade de uma passagem conter um relato histórico, uma condição importante a ser ensinada ao auxiliar do tradutor bíblico é a do sentido objetivado, ou seja, de que a interpretação não esteja dependente da situação imediata de uso. Isso corresponde a uma análise componencial, que decompõe o sentido da sentença, do parágrafo e do discurso, a partir do valor semântico das formas linguísticas tomadas isoladamente.

Num enfoque pragmático, a narrativa histórica não é um gênero universal, comparável a qualquer relato de ação. Em comum, uma narrativa histórica, mítica ou um relato oral falam do que ocorreu, mas se diferenciam em relação à maneira de validação do relato, ou mais exatamente, em relação à necessidade de sua validação ou não. Na narrativa oral (um relato de uma caçada por exemplo), a credibilidade do relato depende do crédito que o relator possui frente a seus interlocutores. A narrativa histórica se opõe à mítica, por requerer um ponto no tempo e espaço, definidos cronologicamente e geograficamente. A narrativa mítica não requer essa forma de localização dos eventos para ter credibilidade. Uma diferença entre a narrativa histórica em relação ao relato oral é o papel da memória. O relato oral de um evento depende da memória do interlocutor, enquanto a narrativa histórica depende de sua existência pela escrita.

O gênero da narrativa histórica terá que ser ensinado ao catecúmeno, quando este desconhece a forma de marcar o tempo na sociedade ocidental, definido por antes e depois de Cristo. Uma das formas de ensinar esse gênero, por parte dos missionários, é localizar geograficamente esses acontecimentos por meio de um mapa. Algumas edições do Novo Testamento em línguas ágrafas incluem um mapa do Extremo Oriente, como parte do processo de socialização às condições da narrativa histórica. O ensino do gênero histórico não representa apenas a introdução de mais um estilo de linguagem, mas possui um valor de aculturação religiosa, ao procurar retirar legitimidade de outras concepções de narrativas que não estão organizadas da mesma maneira, como é o caso do relato mítico. A ênfase na compreensão do Novo Testamento como uma narrativa histórica se opõe à mítica, que não tem uma localização referente ao tempo histórico.

O catecúmeno deve ser ensinado de que maneira deve interpretar cada passagem (didática ou historicamente), ou seja, ele deve saber como interpretar a passagem em que Jesus andou sobre as ondas, ou aquela em que a cobra ofereceu uma maçã à Eva, ou ainda aquela que fala de elefantes passando pelo buraco de uma agulha: elas ilustram situações didáticas ou são narrativas históricas? Os dois gêneros podem estar intrincados numa mesma passagem, podendo apresentar problemas extras para o tradutor missionário, pois deverá transmitir ao mesmo tempo tanto as lições morais que contém o texto (didático), como manter-se fiel historicamente aos eventos (histórico) (Beekman & Callow 1974:36). O diálogo de pergunta e resposta é a maneira de ensinar o critério de relevância que se deve ter em relação à determinada passagem, ou seja, a pergunta é a pista dada pelo missionário a respeito da maneira que a passagem deve ser corretamente interpretada, ou seja, se ela deve ser considerada como um texto histórico ou didático. Vamos abordar apenas o tipo de perguntas relacionadas ao primeiro

No caso de relato histórico, as perguntas propostas são do tipo i) sobre descrição de fatos (“quem?”, “que?” “como?”, “quando?” etc.) (Barnwell 1984:40), ii) sobre a ordem dos fatos (“O que aconteceu antes do evento X?”) (Beekman 1980:5), ou iii) perguntas que apresentam na sua formulação parte da argumentação da

passagem bíblica e solicitam que esta seja repetida na resposta (Beekman 1980:6/Headland 1981:4).

As Bible translators we are trained to ask our translation helpers and other speakers of the language questions such as: who? what? how?, when?, where? and why? (Waltz 1979:33)

Sample questions - on Mark 2:1-12:

Where was Jesus standing while he was preaching ? **Who** was listening to him ? (...) **Why** could they not reach him? (Barnwell 1984:40)

In a personal interview with John Beekman he gave me several examples of how to ask some of these questions in a real situation, i.e. (1) What happened after (event X)? After reading over a given section of the whole, read it again up to the point you want to ask about and ask,” And then what?”. Use the part that they have already given you to help form the next question. “This happened (give explicit event they just gave in answer to your previous question), then what?”². How/by what means did (result X) occur?” Read the whole section. Then give a summary of the same material then ask, “How”?. 3. “What was done in (manner X)?” You may have to read the whole part that makes this explicit, then ask the question” (Headland 1981:4)

A pergunta fatorial, formulada pelo missionário ou pelo consultor, focaliza uma passagem como a descrição de um fato, indicando assim o tipo de relevância que se deve dar à passagem. A forma interrogativa (“question word”) substitui uma informação que se procura obter pela resposta.

As perguntas podem ainda focalizar informações que estão implícitas no texto original, e que se quer verificar sua compreensão numa situação inter-cultural. Nesse caso, as perguntas explicitam as suposições do texto traduzido.

“ If a consultant wants to ask for the purpose that Jesus had in mind in healing the paralytic, he might ask, ‘Why did Jesus heal the paralytic after the Pharisees accused him of blaspheming?’ or ‘For what purpose did Jesus heal the paralytic?’ Notice that here is a means-purpose relationship in which the means has been explicitly stated in the question, and the purpose is to be supplied by the language helper in response to the question. One half of the relationship is given in explicit form while the other half is requested by the question word. The answer in all cases will not be the name of the relationship but rather the information which functions as the purpose.”(Headland 1981:4).

A ordem de formulação das perguntas é também um recurso do tradutor-missionário para ensinar uma determinada maneira de interpretar a passagem bíblica. Elas serão formuladas de tal maneira que a primeira pergunta prepara para as subsequentes e a terceira supõe a resposta das duas primeiras.

“ Questions for Joshua Chapter 1: The first two questions are to set up the situation for the third question.

1. Moses in contrast? (or Where was Moses?) Moses was dead, or Moses already died.

2. After Moses died, who did God speak to? Joshua the son of Nun.

3. What did God tell him to do ? or What did God say to him ? (Headland 1981:6)

Também a resposta pelo sentido descontextualizado deve ser ensinado aos ajudantes de tradução:

“I have long suspected that respondents to comprehension questions will be more helpful to the translation project if they are trained to know just what is expected, how to look in the passage for the answer that is **there** rather than answering them their general background knowledge” (Moore & Moore 1984:17).

Algumas maneiras de descontextualizar são: a) evitando que o informante apresente sua posição pessoal (“Do not use questions which ask for opinions”, Barnwell 1984:40) e b) ensinando ao ajudante que as referências temporais e espaciais no texto bíblico devem ser consideradas com independência do contexto imediato de interação. O que se diz numa passagem histórica não se refere a nenhum acontecimento recente nem próximo da enunciação. É importante que o fato seja entendido como algo que ocorreu em lugares distantes.

A relação de controle que a pergunta estabelece sobre a resposta em relação ao seu conteúdo proposicional pode ser associada à equivalência existente entre o presente e sua retribuição. No costume do “kula”, nas ilhas do Pacífico, a troca está gerida por normas sociais que determinam o que é apropriado como equivalente (um colar por um bracelete). No caso do “comprehension check”, seu sucesso comunicativo depende dos interlocutores entrarem em acordo com relação às condições proposicionais requeridos entre a pergunta e a resposta.

A analogia do “kula” com o “comprehension check” apresenta uma impropriedade quanto ao caráter da equivalência. Para Malinowski, o “kula” se diferencia do escambo devido à ausência de barganha a respeito do valor de troca. O escambo se caracteriza pela negociação do valor de equivalência; já no “kula”, os

valores de troca já estão pré-determinados, como na igualdade estabelecida entre um bracelete e um colar. Nesse caso, o recebedor do contra-presente só pode manifestar seu descontentamento de forma indireta, mas não explicitamente.

O “comprehension check” está mais próximo do escambo do que do “kula” nas situações em que o informante não sabe ainda que tipo de interpretação deve dar a uma determinada passagem. Nessa situação, o missionário barganha a resposta, quando não encontra a equivalência desejada. O missionário ensina quais são suas expectativas em relação à resposta e, por essa via, à interpretação que se deve dar ao texto. Pelo diálogo permanente de pergunta e resposta, o ajudante é guiado até chegar a resposta desejada pelo missionário.

A barganha semântica entre missionário e ajudante pode ser em relação a qual “question word” deve ser usada para a obtenção de determinada resposta. O missionário ensaia uma pergunta de uma maneira e, pelo erro e acerto, ele chega à forma correta de interrogar, correspondente à resposta que deseja.

For example, if the question is ‘WHEN did the Jews rest?’ **aysaw** is used, it would mean ‘At what time did the Jews rest?’. The informant would begin by giving whatever simple time words he thought appropriate. Since **aysaw** implies one completed action, the most reasonable answer is “Long ago.” When the informant realizes that this was not the answer the translator wants, he might conclude “He must mean **mmah** (At what **times** did the Jews rest?” That question also implies a simple time word answer, so he comes up with the brilliant response, “Nights”. Realizing that this answer was not satisfactory, and listening to a rereading of the passage, the long-suffering informant might then decide, “Oh, what he meant was **kabet** (during what **short time period** did the Jews rest?)” and give the correct answer (which he knew all long), “Saturday” (Green & Green 1975:23)

Quando o missionário recebe uma resposta errada, ele relê a passagem, pede uma explicação para cada sentença, discute o sentido de cada palavra e sintagma e também o de toda a passagem. Por último, no caso dele não chegar a um consenso com o informante, o tradutor missionário expressa o que deseja estar contido no texto traduzido e pergunta-lhe como poderia dizer aquilo em sua língua (Rountree 1984:11).

A cada modificação do texto, a pergunta, antes respondida incorretamente, deve ser refeita. O diálogo de verificação do sentido só se conclui quando o missionário obtém a resposta desejada, ou seja, uma resposta que tenha as mesmas condições de verdade do texto original. Uma vez que ele chegue à resposta desejada, supõe-se que o texto traduzido expresse o sentido correto. Nessa situação, ele pode passar para outras perguntas.

“At the end of each day, the translator collects the answers to the questions and goes over them, circling those answers which are not correct and checking off those which are correct. When an answer is well done, it is good to encourage the reader with some comment about it. Sometime, preferably the next day, the reader is asked to reread and answer the questions corresponding to the circled, wrong answers. Often the reader goes over the passage more carefully the second time, resulting in a correct answer. This step reduces the number of questions requiring closer attention.” (Waltz 1981:14)

Algumas vezes, o diálogo do “comprehension check” ocorre através do pedido ao informante para que este formule a pergunta correspondente a uma resposta desejada. Essa ordem inversa dos turnos conversacionais (primeiro se tem a resposta, depois a pergunta) ocorre nos casos em que o missionário não conhece a pergunta que deve fazer para obter uma determinada resposta. Pelo sucessivo descontentamento do missionário com relação à resposta dada, o informante procura uma outra forma de pergunta. A cada pergunta ensaiada, este vai conhecendo o sentido que está sendo procurado pelo missionário.

“The Saramaccan translation says: ‘When Christ comes back to earth to receive his fame/renown, then you yourselves will be included...’ The translator’s original question here was: ‘Why is Christ coming back to earth?’. The desired answer was: ‘to receive his glory’, but a different answer was given. The question was changed to: ‘When the Lord comes back to earth, what is going to happen?’. This was answered correctly” (Rountree 1984:9)

Quando não se tem um deles - a resposta é conhecida, mas não a pergunta, ou vice versa - encontrar o que falta é a forma de construir a relevância semântica necessária. Encontrar a pergunta correta para a resposta que se deseja, ou encontrar a resposta para a pergunta que se procura é um processo longo. Nessa situação comunicativa, o ajudante é comparado muitas vezes a um “long-suffering informant” (Green & Green 1975:23).

FORMAÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE DIÁLOGO ATRAVÉS DO “COMPREHENSION CHECK”:

Uma característica da conversão evangélica pela tradução bíblica, é o fato dela estar dirigida a um pequeno grupo e não a toda comunidade. O grupo de auxiliares da tradução deve funcionar como agentes evangélicos na sua comunidade.

Desse pequeno grupo é que surgirão pastores e membros da Igreja evangélica na comunidade.

A fase do “comprehension check” pode ocupar metade do tempo de tradução do Novo Testamento (Rountree 1984:3), previsto para 15 anos². O acordo a respeito do sentido cristão na língua indígena se estabelece ao longo desse tempo. Esse acordo entre informante e missionário, alcançados pelo “comprehension check”, não vale para todos os falantes nativos de uma língua, mas é compartilhado no limite da comunidade que foi treinada naquelas regras. O “comprehension check” requer que se estabeleça um “translation team”, formado por um missionário-tradutor e um falante nativo com status de ajudante de tradução ou co-tradutor.

“By translation team, I mean an expatriate team working with native co-translators or an expatriate advisor/consultant working with an MTT [mother-tongue-translator].” (McArthur 1984:29).

O grau de decisão semântica que o ajudante da tradução tem, está condicionado ao seu grau de conversão ao cristianismo. O “translation helper” ou “language helper” corresponde ao informante ágrafo e sem conhecimento religioso. Este corresponde ao padrão do informante do SIL na América Latina (“(...)it has been the traditional role of the native speaker in most SIL situations” (Moore 1979:15). Ele não possui nenhum papel de decisão na tradução; sua função é verificar a aceitabilidade gramatical do texto traduzido (julgamento prescritivo). Nessa situação, o primeiro esboço da tradução é de responsabilidade do missionário.

O “co-translator” é o falante nativo alfabetizado, com conhecimentos dos princípios de tradução e valores cristãos. Ele está habilitado a fazer o primeiro esboço da tradução (Moore 1979:16).

O “mother-tongue-translator” ou “semi-independent-mother-tongue translator” é o informante cristão, alfabetizado e bilíngue. Ele é responsável por toda a tradução, menos a exegese.

O “independent mother tongue translator” é o falante nativo cristão egresso das Escolas Bíblicas, além de ser bilíngue na língua ágrafa e na língua nacional, deve dominar o inglês, necessário para ter acesso à bibliografia produzida pela missão. Ele será o responsável pela forma e conteúdo da tradução: faz a exegese, escolhe o estilo e submete o texto diretamente ao consultor. Essa categoria de informantes é mais comum no trabalho do SIL na África.

O papel do missionário é definido segundo o tipo de informante que ele tenha no “translation team”. No caso de ter um “co-translator” ou um “translation helper”, o missionário é um “acquired language translator” (Moore 1979), ou seja, ele é o encarregado da tradução para a língua indígena. Para isso, ele deve conhecer

² No Brasil, o tempo de conclusão da tradução do Novo Testamento tem sido entre 17 e 28 anos.

exegese, saber os princípios da tradução, ser fluente na língua em questão o suficiente para discutir e explicar a exegese ao co-tradutor. O missionário do SIL que acompanha um “semi-independent-mother-tongue-translator” ocupa uma função de supervisor; não necessita ser fluente na língua receptora, porém deve ser capaz de ler nesta língua o suficiente para acompanhar e avaliar a tradução (Moore 1980:3)

O diálogo do “comprehension check” requer uma regularidade na vida do informante indígena e do missionário. Um dos problemas que o missionário pode encontrar é o não estabelecimento dessa regularidade.

“Another problem is the lack of close monitoring of the work throughout the day which could result in less work being done. However, as the translator becomes aware of the reader’s capacities, he can encourage the reader to concentrate more on his work as he sees it deteriorating.” (Waltz 1981:17).

Para garanti-la, o “comprehension check” é realizado com base num contrato de trabalho. No período em que o auxiliar de tradução vai para a base do SIL na cidade, aquela função se torna sua principal fonte de renda, ao deixar de trabalhar na sua terra por vários meses. A função de ajudante de tradução se estabelece como uma relação profissional.

A comunidade de diálogo formada em torno ao “comprehension check” é assimétrica, ao ser a pergunta um ato de fala próprio de apenas um dos interlocutores. O domínio das regras do “comprehension check” requer que missionário e falante nativo saibam que possuem diferentes atribuições. Ambos devem conhecer e aceitar as normas desta modalidade de diálogo, que determinam papéis fixos e diferentes para cada um dos participantes quanto aos atos linguísticos que se espera que cada um execute.

Nos casos em que haja inversão de papéis entre missionários e informantes em relação a quem pergunta e quem responde, o “comprehension check” perde o valor como forma de verificar o sentido da tradução.

Uma diferença em relação ao “comprehension check” com o “kula” é que neste último a relação entre dar e receber presente é transitiva (todos são doadores e receptores dos presentes). Já no “comprehension check”, missionário e ajudante de tradução não possuem papéis transitivos; apenas o missionário terá autoridade para decidir sobre a correção da resposta. Na situação da pergunta fechada, o consenso se estabelece através da restrição à possibilidade de polêmica e de alteração das proposições contidas na pergunta.

CONCLUSÃO

O SIL tem uma peculiaridade entre as missões que é sua prática de conversão de caráter não-eclesiástico. Isso significa que seu missionário não batiza, não casa, em suma, ele não age publicamente em atividades religiosas, além da prática de tradutor. Essa política de atuação surgiu na época da fundação da missão no México, na década de 30, num contexto anti-religioso, e se tornou pauta de conduta da missão em toda a América Latina.

Como fruto dessa política de conversão não-eclesiástica, o processo de tradução bíblica para línguas indígenas se tornou pouco visível como um processo de mudança cultural, na medida em que a tradução estava baseada em preceitos científicos da Linguística. O interesse deste trabalho, ao focar o “comprehension check”, foi, ao contrário, apontar essa situação de fala como um dos locais privilegiados em que se dá a evangelização pela tradução. O diálogo do “comprehension check” é uma modalidade de curso bíblico presente no processo de tradução bíblica, como mencionam os missionários:

“ (...) the most important Bible teaching goes on during the process of translation and checking the translated Scriptures. Accurate, idiomatic translation is only possible if the co-translator really understands the meaning of every phrase in its context. The translation process is like a Bible course.” (Dye 1979:17)

“The translator, in the very process of making the translation, has a built-in Bible teaching ministry to those working with him. Many of these become the leaders and teachers of the Christian community that will use the translation. The translator not only has the opportunity to disciple and train them, but to share a vision of church planting and church growth. They, in turn, take what they have learned and the Scriptures they have helped translate and share them with others” (“Introduction to the Policies and Practices of Wycliffe Bible Translators, INC”/ 1975 citado por Dye 1979:17).

Ao vincular a pergunta do “comprehension check” a uma forma de socialização dos sentidos cristãos, nos afastamos da idéia de que a compreensão da tradução bíblica numa língua indígena se deve ao fato de que o missionário tenha encontrado expressões na língua para transmitir literalmente aqueles sentidos, ou seja, de que os sentidos já existiam naquela língua antes da tradução. Não é um sentido imanente presente no texto traduzido o responsável pela aculturação religiosa, mas é o diálogo oral, entrecortado com a escrita, do “comprehension check” que estabelece a semântica cristã.

BIBLIOGRAFIA

- BARNWELL, Katherine. 1984. Ten ways of testing our translation. **Notes on Translation**, nº 100, pag. 36-44.
- BEEKMAN, John. 1964. Translation consultation. **Notes on Translation**, nº 11, pag. 1-18.
- BEEKMAN, John. 1980. Three focuses on consultation procedures **Notes on Translation**, nº 81, pag. 2-14.
- BEEKMAN, John/ CALLOW, John. 1974. **Translating the Word of God. With Scripture and Topical Index**. Zondervan Publishing house.
- CROFTS, Marge. 1975. Introduction to question words in Palikur. **Notes on Translation** nº 55, pag. 22-23.
- DYE, T. Wayne. 1979. **The Bible translation strategy: an analysis of its spiritual impact**. SIL, Papua New Guinea. 257 pp
- GOODY, Esther N.(ed.).1979. **Questions and politeness strategies in social interaction**. Cambridge Papers in Social Anthropology. Cambridge University Press.
- GREEN, Harold. 1979. Como se pergunta em Palikur. **Revista de Atualidade Indígena**, ano III, nº 17, Brasília. FUNAI.
- GREEN, Harold & GREEN, Diana 1975. Questions words in Palikur or why do I get such dumb answers? **Notes on Translation**, nº 55, pag.23-26.
- GRICE, H. Paul. 1982. Lógica e Conversação. In: Dascal, Marcelo. **Fundamentos metodológicos da Linguística**, vol.IV, Campinas, pag.81-103.
- HEADLAND, Edna. 1981. Questions as a checking device for translations. **Notes on Translation** nº 83: 2-9.
- HOHULIN, Richard 1982. Questioning our questioning technique. **Notes on Translation** nº 91, pag. 28-32.
- HOOK, Ann 1980. A Fresh look at Consultant Procedures **Notes on Translation**, nº 80, pag. 2-21.
- JOHNSTON, Clay 1980. A breakthrough in translation checking and a step toward objective quality standards: written questions which test sentence and paragraph propositions. **Notes on Translation**, nº 78, pag. 2-4.
- MALINOWSKI, Bronislaw 1978. **Argonautas do Pacífico Ocidental** (Coleção Os Pensadores). Editora Abril. 431 pp.
- MAUSS, Marcel 1979. **Marcel Mauss. Antropologia**. Org. por Roberto Cardoso de Oliveira. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, nº 11.) Ática
- McARTHUR, Harry 1984. Asking the right questions. **Notes on Translation**, nº 102, 21-29.
- MOORE, Bruce R. 1979. Translation section working group reports. **Notes on Translation** nº 77, pag. 14-29.
- MOORE, Bruce. 1980. "We agree...". A Report of the meetings of translation consultants in the various geographic areas. **Notes on Translation**. nº 79 (2-8).
- MOORE, Bruce & MOORE, Paul 1984. What is a passing grade on a comprehension test. **Notes on Translation** nº 101, pag.14-27.
- ROUNTREE, Catherine 1984. A preliminary guide to comprehension checking. **Notes on Translation**, nº 101 page 3-14.

- SAMARIN, Willian J. 1967. **Field Linguistics. A Guide to linguistic field work**. Holt, Rinehart and Winston
- SCHAUER, Stan 1980. Checking through a written paraphrase **Notes on Translation**, n.78, pag. 19-20.
- SEARLE, John 1969. **Speech acts. An essay in the Philosophy of language**. Cambridge University Press.
- STRANGE, David 1980. An experiment in checking themes. **Notes on Translation** n° 8, pag. 4-18.
- WALTZ, Nate 1979. The importance of asking questions. **Notes on Translation**, n° 75, pag.33-34.
- WALTZ, Nate 1981. Written comprehension checks. **Notes on Translation** n° 83, 13-18.
- ZINSSER, Caroline 1986. For the Bible tells me so: teaching children in a Fundamentalist church. In: Schieffelin, B.B./ Gilmore, Perry. **The acquisition of literacy: ethnographic perspectives**. Ablex Publishing Corporation. Norwood, New Jersey.